

Lote de suposto mandante vai para reforma agrária

Leonêncio Nossa
Enviado especial

O oficial de Justiça Cledston Ramos de Souza entregou ontem ao ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, em Anapu (PA), o documento de imissão de posse de 9 mil hectares, para o assentamento de 90 famílias que vivem na área onde a missionária Dorothy Stang foi assassinada dia 12. Um dos três lotes repassados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) era ocupado por Vitalmiro Bastos de Moura, o Bida, acusado de ser o mandante da morte da religiosa.

A imissão de posse, garantida pelo Tribunal Regional Federal de Brasília, é provisória. Bida tem direito de entrar com recurso contra a decisão. "Mesmo que se prove que a terra é dele, a Justiça pode entender que a propriedade é improdutiva e, por isso, passível de desapropriação", disse Cledston.

Rossetto, que se reuniu de manhã com líderes rurais ameaçados por grileiros em Anapu, discordou da avaliação de que o governo tenha demorado a agir contra o crime organizado de terras públicas no Pará. "O governo trabalha desde o início do mandato para resolver os conflitos de terra", garantiu. Ele assinou portaria anexando os três lotes ao assentamento Esperança, idealizado por Dorothy.

Rossetto disse que 5 equipes do Incra, apoiadas pelo Exército, avaliam as condições de 23 áreas onde ocorrem conflitos, num total de 63 mil hectares, para tentar destinar essas terras ao programa de reforma agrária. "Esses que sempre se beneficiaram da ocupação ilegal de terras sabem que estão perdendo e vão ser derrotados pela democracia, pela República e pela Justiça", afirmou. Além do lote 55, onde foi assassinada a freira, o assentamento Esperança contará com os lotes 108, ocupado por Milton Lemos da Silva, e 129, reivindicado por Francisco Ribeiro de Oliveira.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Anapu, Francisco de Assis dos Santos Souza, disse a Rossetto que não basta dar terras às famílias: é preciso garantir infraestrutura para fixar os colonos.

Polícia distribui fotos de Bida

Altamira - A Polícia Civil do Pará divulgou ontem uma fotografia atual do suposto mandante do assassinato da missionária Dorothy Stang, Vitalmiro Bastos de Moura, o Bida, que ainda está foragido. A polícia mandou pela Internet cópias do rosto do fazendeiro para todas as secretarias de segurança pública do País, superintendências da Polícia Federal, além de massificar a divulgação em aeroportos, rodoviárias e televisão.

Com a imagem atualizada do rosto de Bida, os delegados que investigam o caso apostam na prisão do acusado a qualquer momento. A foto de Bida divulgada no início das buscas era antiga e não ajudava no seu reconhecimento. Policiais que investigam o caso não descartam a possibilidade de o fazendeiro ter fugido para algum país da América do Sul, vizinho ao Brasil.

Carmelita, sob a mira dos inimigos e até de parceiros

Sindicalista está sob ameaça não apenas de latifundiários, mas de rivais no Sindicato de Trabalhadores Rurais

Luiz Maklouf Carvalho
Especial para o Estado

Na Espanha, onde moram, quatro dos seis filhos de Carmelita Felix da Silva - sindicalista e funcionária pública municipal em Parauapebas, no sudeste do Pará - querem porque querem que ela faça as malas e se mude para Madri, pelo menos até as coisas melhorarem. "Eles estão apavorados", diz Carmelita. Ela também.

Aos 65 anos, 47 deles casada com o mesmo marido, seis netos, petista de carteirinha e vida estabilizada de classe média, entrou na lista de marcados para morrer da Comissão Pastoral da Terra de Marabá.

Dos 35 da última relação, Carmelita e dois outros sindicalistas - Francisco Índio e Sandra Barbosa Sena - são os únicos que situam as ameaças primeiro em um grupo de sua própria categoria e, depois, em latifundiários de terras improdutivas que os estariam apoiando.

Os acusados de ameaçá-los são diretores sindicais de uma corrente política diferente, segundo Carmelita, liderados pelo presidente subjuice do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Parauapebas, Francisco de Assis Pereira. O Estado não conseguiu encontrá-lo. A um jornal local, Assis acusou os que o acusam de também ameaçá-lo.

O grupo de Carmelita, apoiado pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetagri/PA), o acusa de "envolvimento em negócios fraudulentos de vendas de lotes em assentamentos, nunca ter prestado contas quando era tesoureiro, defender interesse dos fazendeiros e não dos trabalhadores, desrespeitar as entidades que defendem a reforma agrária, desonestidade, oportunismo, não ser transparente e não ter compromisso com os funcionários do STR".

A briga de foice no escuro pelo controle do poder, do dinheiro e da máquina sindical do STR de Parauapebas é antiga e tramita na Justiça, com acusações pesadas de ambas as partes. Agravou-se, a partir de 15 de fevereiro, com o assassinato de seu ex-presidente, Soares da Costa Filho, também presidente da associação do assentamento em que morava e autor de denúncias contra o grupo de Assis, entre elas a de venda de lotes em assentamentos. Quinze dias antes da morte de Soares houve um atentado que deixou em estado de coma outro presidente de assentamento, Osmarino Neves da Silva, alinhado com Soares.

A polícia apura se os dois crimes estão ligados à disputa da entidade ou a conflitos de terra. Carmelita e seus colegas entraram na lista das possíveis próximas vítimas logo após a morte de Soares.

"O único inimigo que eu tenho é o Assis", diz Carmelita. "Ele está ligado aos fazendeiros e quer transformar o sindicato numa união ruralista, o que não aceitamos." No momento, mesmo Carmelita já não tendo cargo, é o grupo dela que controla a sede. Assis despacha, como presidente que tem seu mandato judicialmente questionado, em outro local, no centro de Parauapebas. "Todo dia ele manda me dizer que é melhor eu me afastar", acusa ela.

Pernambucana criada em São Paulo, onde casou-se com um barrageiro, morou muitos anos no Mato Grosso e em Goiás, acompanhando o marido na construção de hidrelétricas. Chegaram no Pará em 79 e mudaram para Parauapebas em 84, quando nem município era.

Carmelita foi fundadora do PT local e tentou duas vezes a prefeitura e uma vez a vereança. Entrou para o sindicato, do qual foi tesoureira entre 94 e 96. Voltou para o sindicato em julho do ano passado, no auge da confusão, integrante de uma junta governativa que Assis conseguiu afastar.

Carmelita está no centro de um furacão onde dois sindicalistas já foram engolidos. Talvez a Espanha, para onde não vai desde 1999, fosse uma boa alternativa. Mas ela garante que prefere continuar na guerra, "lutando pelos direitos dos trabalhadores".

OESP, 26/02/2005, Nacional, p. A10